



UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM UMA ESCOLA INDÍGENA

Jose Nilton Oliveira da Silva ¹
Tamiles da Silva Oliveira²
Diná da Silva Correia ³

RESUMO

Neste trabalho é apresentado um relato de experiência relacionado ao estágio supervisionado desenvolvido em uma turma do 1º ano do Ensino Médio, no Colégio Estadual da Aldeia Indígena Caramuru (CEAIC). O objetivo deste trabalho é relatar uma aula sobre geometria euclidiana plana desenvolvida no estágio supervisionado, realizada em uma turma de 1º ano do Ensino Médio de uma escola indígena. Na aula desenvolvida foi possível relacionar o cálculo de área de figuras planas com as pinturas que se apresentam tanto de forma corporal quanto nas paredes do CEAIC, permitindo relacioná-la a etnomatemática. A realização de tal atividade buscou potencializar a aprendizagem enquanto estudante no percurso de estágio VI, realizado em meados de 2023. Propondo um olhar pluricultural e interdisciplinar às habilidades e competências que fomentam a execução da atividade docente. Evidenciou-se também o protagonismo, relacionados a conhecimentos, tradições e aspectos artísticos da cultura indígena *Hã hã hãe*, bem como sua dinâmica diária sobre um olhar sócio educativo. As observações apresentaram elementos que fomentam relações mesmo que não “consciente”, por parte dos alunos com conceitos que modulam o pensar sobre conceitos matemáticos que trata de figuras geométricas planas, associando-os as pinturas indígena Pataxó *Hã hã hãe*, era perceptível as comparações realizada por parte dos estudantes, quando eles eram questionados sobre as figuras e fórmulas geométricas, reforçando a importância de compreender a relação nos âmbitos culturais e sócio educacional. Tais ações comparativas apresentaram uma rica oportunidade de compreender elementos que fundamentam o discurso teórico e prático da etnomatemática, se relacionando com atividades que ocorrem na prática do coletivo que compõe um colégio indígena.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado. Cálculo de área. Escola indígena.

A SUPERVISED INTERNSHIP EXPERIENCE IN AN INDIGENOUS SCHOOL

ABSTRACT

This paper is a report of an experience during a supervised internship conducted in a first-year high school class at the Caramuru Indigenous Village State School (CEAIC). Its objective is to describe a lesson on Euclidean geometry developed during a supervised internship in a first-year high school class at an indigenous school. The paintings are present both on the bodies of the students and on the walls of CEAIC, allowing for a connection to ethnomathematics. The

¹ Graduando em Licenciatura em matemática e computação e suas tecnologias, ORCID:<https://orcid.org/0009-0000-9873-5870>. E-mail: inhopankararu3@gmail.com

² Mestra em Educação Matemática, professora substituta na Universidade Estadual de Santa Cruz, integra o Grupo de pesquisa em pesquisa em Educação Matemática em Estatística e em Ciências (GPEMEC). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6627-6320>. E-mail: tsoliveira1@uesc.br.

³ Doutora em Educação matemática, professora da Universidade Estadual de Santa Cruz, Integra o Grupo de pesquisa em Educação Matemática em Estatística e em Ciências, <https://orcid.org/001-6941-3231>, E-mail: dina@uesc.br



implementation of this activity aimed to enhance learning while the student was engaged in Internship VI, which took place in mid-2023. By proposing a multicultural and interdisciplinary perspective, it sought to develop the skills and competencies that support effective teaching practice. It also highlighted the protagonism related to knowledge, traditions, and artistic aspects of the Hã hã hãe indigenous culture, as well as their daily dynamics from a socio-educational viewpoint. The observations revealed elements that fostered relationships, even if not “consciously” recognized by the students, with concepts that shape thinking about mathematical concepts related to plane geometric figures. The students made noticeable comparisons when questioned about geometric figures and formulas, reinforcing the importance of understanding the connections in cultural and socio-educational contexts. These comparative actions presented a rich opportunity for me, as an observer, to understand the elements that underpin the theoretical and practical discourse of ethnomathematics as it relates to activities that occur within the collective practices of an indigenous school.

Key-Words:. Supervised Internship. Area calculation. Indigenous School.

UNA EXPERIENCIA DE PRÁCTICA SUPERVISADA EN UNA ESCUELA INDÍGENA

RESUMEN

Este trabajo consiste en un relato de experiencia de una práctica supervisada desarrollada en una clase del primer año de educación secundaria, en el Colegio Estatal de la Aldea Indígena Caramuru (CEAIC). Su objetivo es relatar una clase sobre geometría euclidiana plana desarrollada en una práctica supervisada realizada en una clase de primer año de una escuela indígena. Estas pinturas se presentan tanto de forma corporal como en las paredes del CEAIC, lo que permite relacionarlas con la etnomatemática. La realización de tal actividad buscó potenciar el aprendizaje del estudiante durante el desarrollo de la práctica VI, llevada a cabo a mediados de 2023. Se propuso una mirada pluricultural e interdisciplinaria hacia las habilidades y competencias que fomentan la ejecución de la actividad docente. También se evidenció el protagonismo relacionado con conocimientos, tradiciones y aspectos artísticos de la cultura indígena Hã hã hãe, así como su dinámica diaria desde un enfoque socioeducativo. Las observaciones presentaron elementos que fomentan relaciones, incluso si no son “conscientes” por parte de los alumnos, con conceptos que modelan el pensamiento sobre conceptos matemáticos relacionados con figuras geométricas planas. Al asociarlos con las pinturas indígenas Pataxó Hã hã hãe, eran perceptibles las comparaciones realizadas por los alumnos cuando eran cuestionados sobre las figuras y fórmulas geométricas, reforzando la importancia de comprender la relación en los ámbitos cultural y socioeducativo. Tales acciones comparativas me presentaron, como observador, una rica oportunidad para comprender los elementos que fundamentan el discurso teórico y práctico de la etnomatemática en relación con las actividades que ocurren en la práctica colectiva de un colegio indígena.

Palabras clave: Práctica Supervisada. Cálculo de área. Escuela Indígena .

INTRODUÇÃO

O estágio supervisionado é reconhecido como um espaço de aprendizagem e oportunidade para construção da identidade docente. De acordo com Pimenta e Gonçalves (1992) o estágio tem o propósito de aproximar os estudantes da realidade na qual irão atuar futuramente. Assim, o estágio “[...] não é atividade prática, mas teórica, instrumentalizadora da práxis docente, entendida esta como atividade de



transformação da realidade.”(Pimenta; Lima, 2011, p. 45). Sob essa perspectiva, compreende-se que o estágio é uma junção entre teoria e prática, pois, envolve conhecimento teórico, fundamentação, diálogo, reflexão e intervenção na realidade escolar.

Dessa forma, o estágio não é apenas uma "observação passiva" da rotina escolar, mas um espaço ativo de construção do saber e do ser docente. Por isso, ele demanda um processo contínuo de reflexão crítica e implementação de fundamentos teóricos, onde o estudante da graduação pode colocar em prática os conhecimentos adquiridos durante sua formação e, ao mesmo tempo, questionar e adaptar esses conhecimentos à realidade vivida.

A formação dos futuros docentes deve incluir experiências que incentivem a vivência da interdisciplinaridade, considerando a complexidade do mundo atual. Nesse sentido, a Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) promove em seus cursos de licenciaturas interdisciplinares, qualificações específicas que são reforçadas em componentes como os estágios supervisionados.

A experiência de estágio aqui relatada foi desenvolvida no Colégio Estadual da Aldeia Indígena Caramuru - CEAIC e proporcionou um aprofundamento em educação matemática e em conceitos de geometria plana euclidiana. Ao observar práticas socioeducacionais na realidade da escola indígena, tornou-se claro o valor de desenvolver um pensamento étnico para a compreensão dos conceitos matemáticos específicos desse público.

As atividades dos estudantes indígenas Pataxó *Hã hã hãe* evidenciam a relação entre conceitos científicos e culturais presentes nas figuras geométricas. Ao realizarem pinturas culturais, eles demonstram, na prática, a relação entre matemática e etnomatemática. Embora esses estudantes não reconheçam formalmente que estão aplicando etnomatemática, suas atividades ilustram as complexidades culturais do cotidiano indígena, evidenciando a pluralidade presente no CEAIC. Segundo D’Ambrósio (2019), cabe ao docente de matemática associar atividades teórico-científicas a práticas culturais do estudante, promovendo uma compreensão mais próxima de sua realidade.

Como afirmou Freire (1996, p. 77), “a nossa capacidade de aprender, de que decorre a de ensinar, sugere ou, mais do que isso, implica a nossa habilidade de aprender a substantividade do objeto aprendido”. Portanto, é fundamental que os futuros professores sejam capazes de adaptar os conteúdos às especificidades dos alunos. Os conceitos e diretrizes do Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI) orientam o educador indígena, oferecendo ferramentas para desenvolver atividades que abordem aspectos culturais nos conteúdos escolares.

Embora não tenha sido permitido fotografar as atividades observadas, as anotações realizadas em sala de aula permitiram relacioná-las aos debates dos componentes formativos que cursados na UFSB. As observações foram feitas sem interferir no ambiente, priorizando uma análise imparcial e buscando uma compreensão mais genuína da prática cotidiana na disciplina de matemática.

Assim, neste trabalho objetiva-se relatar uma aula sobre geometria euclidiana plana desenvolvida em um estágio supervisionado realizada em uma turma de 1º ano do Ensino Médio de uma escola indígena.



ETNOMATEMÁTICA

A etnomatemática é o campo de estudo que explora a relação entre a matemática e a cultura, investigando como diferentes grupos culturais desenvolvem e utilizam conceitos matemáticos no seu cotidiano. Criado pelo matemático brasileiro Ubiratan D'Ambrósio, o termo combina três elementos: "etno" (cultura), "matema" (explicar, entender, fazer) e "tica" (técnica), referindo-se, portanto, ao estudo das práticas matemáticas enraizadas nos contextos culturais específicos (D'Ambrósio, 2002). A etnomatemática pode ser entendida como "[...] a matemática praticada por grupos culturais, tais como comunidades urbanas e rurais, grupos de trabalhadores, classes profissionais, crianças de uma certa faixa etária, sociedades indígenas, e tantos outros grupos que se identificam por objetivos e tradições comuns aos grupos." (D'Ambrosio, 2002, p. 9).

Na etnomatemática, reconhece-se que a matemática não se limita aos conceitos formalizados na escola, mas inclui formas de contagem, medição, organização espacial, lógica e resolução de problemas que são aplicadas em diversos contextos sociais. Por exemplo, comunidades indígenas podem utilizar conhecimentos geométricos em suas artes e construções; agricultores tradicionais têm métodos de medição para plantio e colheita; e artesãos usam simetria e proporção em suas criações. Assim, a etnomatemática valoriza o conhecimento local e proporciona uma visão mais inclusiva e contextualizada do aprendizado matemático.

De acordo com D'Ambrosio (2002, p.59) "A associação, simbiótica, de conhecimentos compartilhados e de comportamentos compatibilizados constitui o que se chama de cultura." (2002, p. 59). Dessa forma, entende-se que o pensamento e relações estabelecidas por cada estudante, é uma construção de representações da realidade a qual ele está inserido. Por isso, é importante que o ensino de matemática dialogue com o contexto do estudante para tornar um processo de ensino e aprendizagem mais significativo, pois, cada povo tem a sua forma de fazer a matemática.

Para Lara (2019) ao pensar a etnomatemática como método de ensino, é importante considerar o processo de aprendizagem como algo subjacente, pois o objetivo é promover o protagonismo do estudante. Ao seguir as etapas desse método, o estudante atua como pesquisador e solucionador de problemas, revisitando e avançando por essas fases em busca de soluções, tornando a pesquisa parte de sua rotina diária.

Assim, a etnomatemática é fundamental para o ensino porque conecta o aprendizado matemático ao contexto cultural dos estudantes, valorizando os saberes e práticas locais e mostrando que a matemática não é apenas um conjunto de regras universais, mas algo que pode ser encontrado nas práticas cotidianas de diferentes culturas. Ao considerar a diversidade cultural nas salas de aula, a etnomatemática ajuda a tornar o ensino mais inclusivo e significativo, permitindo que os alunos vejam a relevância da matemática em suas vidas e comunidades.

Esse enfoque também estimula o pensamento crítico, pois os estudantes aprendem a questionar e comparar diferentes formas de conhecimento matemático. Dessa forma, a etnomatemática promove um aprendizado mais ativo e reflexivo, onde os alunos podem aplicar conceitos matemáticos em contextos que lhes são familiares, o que facilita o entendimento e favorece o engajamento no processo de aprendizado. E para que esse processo ocorra, é importante: [...] dar a palavra ao estudante, propor situações gerais, não apenas ensinar como resolver e explicar uma situação



artificialmente criada pelo professor para justificar de ensino. Deve-se deixar que cada um apresente a solução e explicação que tem para situações gerais, que resultam de seu ambiente cultural, de sua cultura, de suas experiências prévias (D'AMBROSIO, 2008, p. 11).

Nesse contexto, são também consideradas as concepções alternativas sobre a matemática, pois é fundamental valorizar os saberes não formais como vias de interação entre sujeitos sociais historicamente determinados, que participam da dinâmica das relações sociais. De acordo com Souza (2020), quando D'Ambrosio (2016), afirma que precisamos nos desafiar a sair das “gaiolas epistemológicas,

Não se trata de eliminá-las, mas de manter essas gaiolas com as portas abertas para que possamos sair, explorar e retornar com novas ideias absorvidas do mundo externo. Assim, o encontro com perspectivas diferentes não deve levar à exclusão do outro; ao contrário, deve ser visto como uma chance de complementaridade, levando à criação de um conhecimento mais rico e aprimorado. Devemos evitar qualquer postura de superioridade e remover as “viseiras” restritivas, ampliando nossa visão para além de um único paradigma. (Souza, 2020, p.39)

Desse modo, trabalhar em sala de aula em uma perspectiva da etnomatemática é desafiador, exige uma postura do educador de olhar para o contexto no qual os estudantes estão inseridos e identificar as diferentes formas de fazer matemática e proporcionar um cenário na sala de aula, no qual seja possível os estudantes pensarem de forma crítica sobre os conceitos matemáticos e as possíveis relações com o cotidiano.

A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM UMA ESCOLA INDÍGENA

O estágio visa a preparação do estudante para o futuro ambiente de trabalho, diante disso é importante que durante o estágio, que o licenciando vivencie experiências em um ambiente escolar, em específico numa sala de aula e de forma supervisionada. A importância se dá para este professor em formação é que ele possa, não apenas compreender as teorias estudadas durante a graduação, mas também sua aplicabilidade, refletindo sobre a prática. Além disso, essa vivência possa instrumentá-lo para o futuro, quando ele estiver exercendo a docência.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN estabelece enfaticamente a diferenciação da escola indígena das demais escolas do sistema, pelo respeito à diversidade cultural e à língua materna, e pela interculturalidade. Para tanto, em 1988, o Ministério da Educação e Desporto - MEC, publica o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas - RCNEI, documento que orienta os professores desta escola a desenvolverem ações que possa favorecer um aprendizagem significativa, para esse grupo específico de alunos. O estagiário, ao ter o contato com esse ambiente, precisa estar consciente desta diferenciação e planejar sua atividade docente e supervisionada, a partir do que é estabelecido neste documento, o que torna a sua prática ainda mais desafiante.

Após muitas lutas e muitas reivindicações do movimento social indígena e de organismos internacionais, o Brasil tem hoje em vigor, o modelo de educação intercultural – previsto na Constituição Federal de 1988 e na Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 da Organização das Nações Unidas.



DESENVOLVIMENTO DA EXPERIÊNCIA

É importante salientar que esse estágio supervisionado ocorreu no contexto no qual o estudante da licenciatura interdisciplinar precisa realizar sete estágios tendo cada um com objetivo e finalidades específicas como apresentado no Quadro 1 a seguir.

Quadro 1 – Organização dos estágios supervisionados na UFSB

Etapa	Estágio	Carga Horária	Orientação, estudo e atividades		Atividade desenvolvida
			Presenciais (com o orientador)	Atividades (estudo escrito de relatório e artigo)	
Inicial	I	12h	32h	16h	Observação ativa, levantamento de possibilidades para elaboração de projeto.
	II	30h	16h	14h	
Intermediário	III	30h	8h	22h	Co-participação e regência Elaboração e Execução do Projeto.
	IV	30h	8h	22h	
	V	30h	8h	22h	
Final	VI	30h	8h	22h	Avaliação e divulgação dos resultados.
	VII	4h	--	4h	

Fonte: Quadro elaborado pelos autores baseado nas normas de estágio da UFSB.

Considerando o Quadro 1, salienta-se que os orientadores dos estágios discutem aspectos teóricos que possam fundamentar a prática que será desenvolvida nas escolas pelos estagiários. Fortalecendo a perspectiva de que o estágio é uma combinação de teoria e prática. Em umas dessas aulas o professor orientador discutiu sobre a perspectiva da etnomatemática.

Assim, neste trabalho é apresentado uma aula que ocorreu no estágio VI sobre cálculo de área de figuras planas. Essa experiência ocorreu no Colégio estadual da Aldeia Indígena Caramuru, localizado na Aldeia Pataxó *Hã hã hãe*, no município de Pau-Brasil, região Sul do estado da Bahia. O CEAIC, foi fundado no início do ano 2002, com prioridade para atender a demanda estudantil das séries iniciais e fundamental I e II, o Colégio Indígena Caramuru foi uma conquista do povo indígena Pataxó *Hã hã hãe*, que sempre buscou protagonismo em seu processo educativo.

Existem relatos na aldeia de que a professora Maria Muniz uma pioneira da educação, ministrava na década de 80, aulas em barcaças, secadores de cacau, casas de taipa e embaixo de pé de árvores. O processo sócio formativo ofertado nesse espaço escolar proporciona um aprendizado diferenciado segundo o que rege a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional como norma legal o direito indígena à educação escolar bilíngue e diferenciada.



Ao chegar na etapa do estágio VI, o estagiário sente-se extremamente próximo da realidade educacional dos envolvidos no CEAIC. Assim, é importante destacar alguns aspectos etnomatemáticos que foi possível e observar enquanto atuava como estagiário na escola. Os estudantes do colégio indígena realizam atividades em que se percebem claramente associações com o conceito de etnomatemática. Esses aspectos culturais, descritos no conceito de etnomatemática, tornam-se evidentes nas pinturas indígenas e nas formas geométricas que se relacionam com a geometria euclidiana, conforme o conteúdo didático sobre Figuras Planas, alinhado ao tema Geometria da Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2018).

Segundo o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas,

O estudo do espaço e das formas é o segundo campo da matemática, que inclui ideias e intuições sobre a forma e o tamanho de figuras e objetos, bem como sua posição ou localização no espaço. Diz respeito, também, às noções de direção e de orientação espacial. Este campo matemático é chamado de geometria. Atividades de geometria desenvolvem, portanto, o sentido espacial, ou seja, a percepção de tudo aquilo que está ao nosso redor. O estudo do espaço e das formas é muito útil para descrever ou representar o mundo que nos cerca (BRASIL, 1998, p.175)

Nesse contexto, estabelecer associações entre as pinturas corporais e nas paredes do colégio com a temática da geometria revela elementos que se enquadram no conceito de etnomatemática, pois, foi utilizado exemplos que estavam inseridos na tradição dos estudantes, tornando o processo de ensino e aprendizagem mais significativos. Durante as festividades, os estudantes pintam seus corpos com jenipapo e urucum, tintas naturais, além de decorarem as paredes do prédio escolar. Essa prática demonstra, de forma sutil e observacional, como eles representam figuras geométricas planas (triângulos, retângulos, quadrados, losangos, entre outros) com facilidade, essas manifestações culturais não devem ser ignoradas por um estagiário ou por quem almeja se tornar um futuro docente, pois compreendem a realidade específica do ambiente e as tradições culturais dos estudantes, elementos que devem ser incentivados no processo socioeducativo.

Para coletar informações, utilizou-se anotações e observações realizadas durante os dias de estágio no Colégio Indígena Caramuru. As atividades tinham como objetivo produzir um resumo dissertativo sobre as aulas de matemática realizadas no período da 1ª unidade do ano de 2023. Ao observar as formas e figuras planas representadas nos corpos e nas paredes do colégio foi possível associar aspectos culturais e educativos, facilitando a compreensão de como a etnomatemática está presente no cotidiano dos estudantes indígenas.

Para fundamentar a atividade, foi necessário consultar o Referencial Curricular Indígena, textos sobre etnomatemática (D'ambrosio, 2002;2009) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Também se observou atentamente as pinturas nos corpos dos alunos e nas paredes do colégio.

As anotações e observações ocorreram em sala, durante as aulas de matemática, mas também se estenderam aos espaços externos, como o pátio e os corredores, no qual o foco estava em compreender melhor as pinturas nas paredes. Essa interação aproximou dos elementos culturais específicos desse grupo e forneceu *insights* fundamentais para o desenvolvimento da atividade.

O público-alvo da experiência foi uma turma do 1º ano do Ensino Médio (Figura 1), no turno matutino na disciplina de matemática, e foi realizada no ano de 2022. Ao observar a metodologia e as atividades elaboradas na disciplina de matemática, ficou



notório a inter-relação entre a geometria euclidiana (figuras geométricas) especificamente os cálculos de área de figuras planas.

Figura 1 – Turma do 1º ano do Ensino Médio.



Fonte: Arquivos digitais dos autores.

As aulas eram sempre expositivas culminando sempre com propostas de resoluções de cálculos de áreas de figuras planas, exercício que se notabilizou e tomou proporções étnicas e de aspectos da Etnomatemática ao ser elaborado resoluções para as atividades quando estimulados a observarem as figuras planas contidas na cultura de pinturas indígenas.

As figuras 2 e 3 apresentam pinturas indígenas presentes no CEAIC, elementos que fomentaram o conceito etnomatemático.

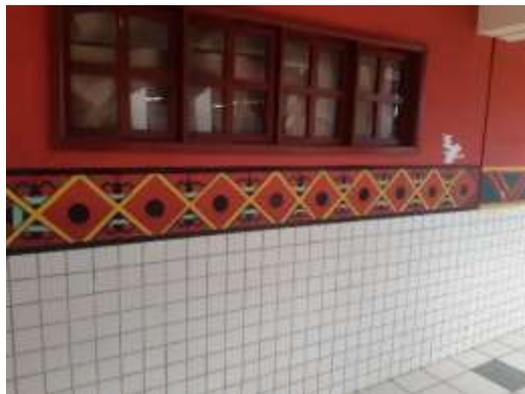
Figura 2 – Desenhos na parede da escola



Fonte: Arquivos digitais do autores.



Figura 3 – Figuras planas nas parede da escola



Fonte: Arquivo digital dos autores.

Para que as resoluções de cálculos de áreas se tornassem mais atrativas e significativa para os estudantes, foi solicitado que eles observassem e identificasse as figuras geométricas presentes nas paredes da escola. Entende-se, que o grafismo indígena praticado pelo povo Pataxó *Hã hã hãe* é elemento cultural, mas também objeto de aprendizagem. Esclarecer que a matemática estava contida de forma expressiva nas pinturas despertou ainda mais a curiosidade nos estudantes que também atuam produzindo pinturas em objetos ou em seus próprios corpos (Figura 4) produzindo mesmo que de forma intuitiva relação de espaço bem como aplicando cálculos de áreas de figuras planas em sua prática

Figura 4 – Um dos indígenas com pinturas no corpo



Fonte: Arquivos digitais dos autores.

Trabalhar o cálculo de áreas de figuras planas a partir do contexto indígena proporcionou aos estudantes maior concentração e estímulo para resolver os exercícios propostos pelo professor. Eles passaram a compreender que as figuras planas, antes vistas apenas em folhas de papel com fórmulas e números, também estão presentes na arte cultural que eles próprios praticam (Figura 4) tornando o os conceitos matemáticos significativos.



Figura 5 – os estudantes realizando as atividades.



Fonte: Arquivo digital dos autores.

Na figura 5, os estudantes estavam fazendo o registro no caderno da área das figuras planas encontradas. Eles se mostraram mais motivados na aprendizagem depois de enfatizar a presença da matemática em expressões culturais, como a pintura indígena e as paredes da escola, isso comprova que a etnomatemática, ao incorporar aspectos culturais, torna-se cada vez mais eficaz como metodologia de ensino e aprendizagem. Valorizar o estudo e a aprendizagem por meio de elementos próximos à realidade dos estudantes tem se mostrado uma ferramenta essencial no processo de formação social. Ao destacar figuras planas presentes na cultura indígena, busca-se estabelecer conexões com o conteúdo dos livros didáticos, aproximando o estudante de uma realidade que lhe é familiar.

Por fim, as figuras utilizadas nos exercícios podiam ser facilmente encontradas nas pinturas indígenas, criando um ambiente propício para que tanto o professor quanto os alunos explorassem mais profundamente o conceito de etnomatemática, aplicando-o em aulas posteriores de matemática. A atividade aqui descrita foi apenas uma observação inicial, com pouca intervenção direta na aula, mas que acende um sinal positivo sobre o grande potencial da etnomatemática em suas aplicações práticas e teóricas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao avaliar a realização da atividade, é importante destacar as especificidades presentes no cotidiano dos estudantes indígenas Pataxó *Hã hã hãe*. Essas características representam uma afirmação étnica e socioeducativa significativa, evidenciando o protagonismo de aspectos culturais essenciais em suas práticas. Quando discutidos no campo teórico, esses aspectos encontram bases sólidas para promover uma discussão fundamentada e enriquecedora.

A atividade desenvolvida a partir dos conceitos matemáticos e às especificidades culturais, revelou-se valiosa para o processo formativo docente, além de destacar a importância da valorização cultural. O uso de elementos culturais nas pinturas do cotidiano dos alunos indígenas fortalece as habilidades e competências pretendidas ao ensinar conteúdos de geometria plana. Observar que os alunos frequentemente associavam o conteúdo abordado, como cálculos de áreas, ângulos e pavimentação, às figuras da geometria euclidiana e aos elementos da cultura Pataxó *Hã hã hãe* evidenciou a presença da etnomatemática. (As relações entre os cálculos e a perspectiva de resolução devem ser exploradas em outro trabalho que trate da



modelagem matemática.) Assim, o objetivo deste relato foi cumprido.

É importante ressaltar que as experiências observadas relatadas ocorreram durante o período de estágios e apresentam características teóricas e práticas que, de forma muito eficaz e contribuiu para o desenvolvimento do futuro professor. Elencar e associar elementos do cotidiano com as diversas áreas do conhecimento se apresentou como ferramenta imprescindível para a cultura do povo *Hã hã hãe*, os alunos do Colégio Indígena da Aldeia Indígena Caramuru (CEAIC), proporcionou um ambiente de extrema aprendizagem com a execução de suas atividades diárias. Ao finalizar as observações, foi exposto para alguns que suas atividades podiam ser relacionadas a etnomatemática.

Isso gerou uma satisfação enorme ao se compreender que as suas pinturas são elementos ativos não apenas de apropriação e visualização cultural, mas também de aprendizagem teórico matemática. Por fim, enfatizou-se a satisfação de se atuar de forma Pluricultural, objeto que se apresenta na educação indígena e que condiciona a experiências positivas neste processo formativo docente.

Qual deve ser a função de um docente? Essa questão é relevante, pois a resposta ecoa claramente: atuar como mediador de conteúdos teóricos e científicos, integrando aspectos socioculturais que compõem o cotidiano dos estudantes e destacando a aplicabilidade desses conhecimentos na prática. A experiência vivenciada proporcionou essas reflexões após vivenciar atividades no ambiente socioeducacional, tanto em sala de aula na UFSB quanto durante o período de estágio no CEAIC. Essa experiência permitiu-lhe observar, experimentar e se envolver com o ambiente educacional da aldeia Caramuru.

Com base nas orientações e norteamentos acredita-se que estágio tenha sido desenvolvido com eficiência e dedicação nas constantes atividades propostas. Ao finalizar esse percurso, tem-se plena convicção de que construiu-se uma base sólida para exercer o papel docente, respeitando todos os direitos e deveres do qual goza nossa estrutura educacional brasileira, o que não seria possível se obter tal experiência sem a contribuição ímpar de todos que colaboraram com este estágio supervisionado neste contexto.

Em outros estudos com características do mesmo contexto indígena poderão ser explorados conceitos como, simetria, trajetória retilíneas e curvilíneas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. MEC, 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Brasília: SEF/MEC, 1998.

D'AMBROSIO, U. Etnomatemática se ensina? **BOLEMA**, n. 4, v. 3, 1988.

D'AMBROSIO, U. **Elo entre as tradições e a modernidade**. Belo Horizonte, Ed. Autêntica, 2002.

D'AMBROSIO, U. O Programa Etnomatemática: uma síntese. **Acta Scientiae**, Canoas, v. 10, n. 1, p. 7-16, jan./jun. 2008.



D'AMBRÓSIO, U. **Transdisciplinaridade**. 2. ed. São Paulo: Palas Athena, 2009.

D'AMBROSIO, U. Prefácio. In: MATTOS, J. R. L. **Etnomatemática**: saberes do campo. 1ª. Ed Curitiba: CRV, 2016, p. 7-8.

D'AMBROSIO, U. O programa etnomatemática e a crise da civilização. **Hipátia**. v. 4, n.1, p. 16-25, jun. 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LARA, I. C. M. de. Formas de vida e jogos de linguagem: a Etnomatemática como método de pesquisa e de ensino. **Com a Palavra, o Professor**, [S. l.], v. 4, n. 9, p. 36–64, 2019. DOI: 10.23864/cpp.v4i9.445. Disponível em: <http://revista.geem.mat.br/index.php/PPP/article/view/445>. Acesso em: 29 out. 2024.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro. **Estágio e docência**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

PIMENTA, Selma Garrido e GONÇALVES, Carlos Luiz. **Reverendo o ensino de 2º grau**: propondo a formação de professores. (Coleção Magistério – 2º Grau). 2ª. Ed. rev.. Editora Cortez. São Paulo – SP. 1992.

SOUZA, T. J. **As ticas de matema de trabalhadores do campo**. Dissertação. São Critovão. 128 f. 2020.